

Capítulo VII

A Feira

Localizada entre o prédio da prefeitura e o Mercado Público, a feira que funcionava aos domingos, dispunha de um considerável número de produtos regionais ou levados da Serra Grande pelos denominados “Maloqueiros”. Tais mercadores viajavam as quintas-feiras para São Benedito, com caminhões carregados de produtos da região, feijão, milho, fava, além de porcos, cabritos, roedores e aves abatidas e adubo orgânico, que eram vendidos naquela cidade serrana. Em contrapartida, compravam rapadura, batida, alfinim, mel de cana, laranja, abacate, café em grãos, louças de fabricação artesanal, etc. Esses produtos tinham muita aceitação entre os habitantes da cidade e adjacências.

Entre os “maloqueiros”, lembro-me do Gonçalo Mariano, Sabóia, Raimundo Beato, José Chagas e seu irmão Raimundo.

José Chagas e Raimundo são irmãos do saudoso e lendário Luís Prazeres e filhos do senhor Chagas Zacarias, este, famoso por sua força física e disposição para o serviço pesado. Todavia, senhor Chagas, quando o conheci já era um homem muito pobre sem ter sequer moradia própria. Morava e trabalhava em terras do senhor Chico Melo do Oitis, pois neste país quem trabalha muito não tem tempo para ganhar dinheiro, segundo o dito popular.

Gostava muito de comer carne e para tal não media esforços. Às vezes, quando a “coisa apertava” recorria à ajuda dos filhos e numa dessas ocasiões, recebeu de José Chagas uma lata de 20 litros de feijão, o que seria suficiente para seu sustento por muitos dias. Foi receber o produto e dirigir-se ao mercado onde vendeu e gastou todo o dinheiro com carne, reduzindo tudo a quase nada, considerando-se a diferença de preço.

Luís Prazeres, o Chaga Mendes, a exemplo do pai também era muito trabalhador, notadamente na prática de serviços avulsos, como carregar e descarregar caminhão. Tomava uns “goles”, farreava, dançava no Pisa na Fulô, mas não deixava faltar o “necessário” em casa, como costumava dizer nessas ocasiões. Tinha muitos filhos, pois casara-se com Dona Maria Valério, que era viúva. A maioria eram mulheres.

Certo dia, em uma de minhas visitas a Monsenhor Tabosa, em conversa com Chaga Mendes, perguntei-lhe se já tinha netos ao que o mesmo respondeu: “Netos eu tenho muitos, só não tenho genro.”

Voltemos à Feira.

Os produtos regionais vendidos na feira compunham-se de: Farinha, feijão, goma, tapioca, esta, feita pelo senhor Antônio Miguel; Manzape do Chico Luca; queijo do Salgado; cabresto, peia e loro feitos pelo senhor Antônio Diano e senhor Antônio Jerônimo; tacho, pote e panela feitos por dona Antônia Beato, colher de pau e pilão feitos pela “Mulher das colheres de pau” e as melancias do senhor João Muçulino. Costumava-se

dizer que chovia a noite e no dia seguinte já estava seu João Muçulino com as suas melancias à venda na cidade, tamanha era a rapidez da sua produção.

Era também aos domingos, por ocasião da feira, que as cafezeiras armavam suas bancas, fora e dentro do mercado, onde os populares tomavam o tradicional cafezinho, às vezes acompanhados de bolo de milho ou tapioca. Veteranos no ramo, as cafezeiras: Dona Luiza Jerônimo, Dona Carminha, Dona Zefinha Paé, Dona Chica “Ligeira” e Dona Regina Socó, eram infalíveis nessa atividade.

Os engraxates, dentre eles, este autor, encabeçados pelo experiente Vicente Mateus, distribuídos lado a lado em frente às lojas do mercado, também aproveitavam para faturar um dinheirinho.

Vicente Mateus era um veterano e excelente profissional na arte de engraxar e era por isto uma espécie de líder da categoria. Se naquele tempo tivesse o sindicato da classe, na certa ele seria o presidente. Tinha clientes cativos e ninguém ousava atender a um cliente seu, sem sua aquiescência. Apesar de uma visível deficiência física, Vicente nunca se curvou diante de tal situação, pois sempre trabalhou, nunca pediu esmolas e era um homem muito bem humorado. Era membro do conjunto de Nonato Arcênio, onde batia no pandeirinho. Casou-se com Anastácia do senhor José Trajano, o Gambó.

Faleceu em 1962. Que Deus o tenha!

O Gambó costumava contar algumas aventuras do tempo em que era jovem. Contava que em 1935 quando era vaqueiro em uma fazenda no município de Santa Quitéria, correu atrás de um boi indo derruba-lo já no município de Tauá. Nessa carreira perdeu o gibão e os arreios do animal, que só foram encontrados em 1917. Pode, um negócio desses?

Em outra feita contou que em um só dia tinha matado 85 caitetus, e ao lhe ser perguntado a onde ocorrera tal fato, respondeu: Foi no Centro do Amazonas do Piauí.

Além da Anastácia, Gambó também era pai do Luiz, que casou com a Margarida do senhor Raimundo Guilherme e do Felício que não sei com quem se casou.

Contou-me um contemporâneo seu, que Gambó quando solteiro convidou um amigo para ajudá-lo a raptar uma moça e depositá-la em uma residência já contactada, até que o casamento fosse efetivado conforme os costume da época.

Na hora marcada Gambó e seu companheiro dirigiram-se ao local combinado, proximidades da casa da moça onde ficaram aguardando que ela aparecesse. O dia já estava raiando e nada da moça. O amigo então resolveu perguntar ao Gambó, se de fato tudo estava combinado entre ele e a moça.

Gambó respondeu que não, mas que tinha passado na casa dela no dia anterior e ela tinha olhado para ele sorrindo, daí a certeza que ela queria fugir com ele.

O amigo decepcionou-se e ambos desistiram da idéia.